

A VISÃO DE MUNDO DE PIERRE DEFFONTAINES E A IDEOLOGIA DA CULTURA BRASILEIRA NOS ANOS 30.

Silvio Carlos Bray (*)
INTRODUÇÃO

O presente estudo, faz parte de um projeto mais amplo, que envolve o curso que ministramos na pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Geografia na UNESP de Rio Claro, sobre a História do Pensamento Geográfico no Brasil.

Neste projeto temos como objetivo, juntamente com os nossos orientandos resgatar a Historiografia do Pensamento Geográfico no Brasil. Para isso, desenvolvemos os critérios teóricos, metodológicos e técnicos para a análise das obras geográficas dos vários autores significativos da geografia nacional.

Quanto às questões teóricas e metodológicas estão entradas em Goldman (1967), principalmente nas suas obras “Sociologia do Romance” e “Dialética e Cultura”, onde a “visão de mundo” do autor representa a visão de seu grupo ou classe social. Portanto, ao analisar a produção científica de um autor deve-se buscar a vida intelectual, política, social e econômica da época em que o referido produziu as suas obras, integrado-o num contexto mais amplo.

Para tanto, torna-se básico buscar o essencial na obra do autor e a significância dos diferentes elementos que compõem o conjunto, e as razões sociais ou individuais que expressam a “visão de mundo” do estudado, bem como a conjuntura da época.

Para analisarmos um referido autor, buscamos o seguinte:
Análise da conjuntura em que a obra e o autor encontram-se inseridos;
Desenvolvimento da técnica das “palavras chaves” que caracterizam as idéias centrais do autor;
Análise do discurso e a “visão de mundo” do autor estudado.

A análise da história das idéias através da dialética marxista, nos ajuda a descobrir as contradições nos diferentes discursos dos geógrafos e nos abre um excelente referencial de possibilidades interpretativas via historicismo.

Por outro lado, o profissional que trabalha com vários autores e várias obras, tem a necessidade de conhecer a posição dos mesmos, como também, a capacidade de analisar criticamente os referidos discursos.

Ao mesmo tempo, a “visão de mundo” do autor estudado, deverá ser levantada, através da técnicas das “palavras chaves” que encontram-se explícitas e implícitas nas suas obras.

(*) – Docente do Departamento de Planejamento Regional, Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus de Rio Claro-SP. Brasil.

A análise de conjuntura e as “palavras chaves”, irão nos dar o ponto de partida e o referencial empírico para a elaboração do referido estudo.

Aspectos Gerais da Trajetória de Vida de Pierre Deffontaines e a Relação com a Geografia Brasileira.

Sobre a história da vida de Pierre Deffontaines, encontra-se na Revista de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade de Barcelona (1980).

Entretanto, destacaremos algumas dados que consideramos significativos para o nosso estudo.

O Professor Pierre Deffontaines, foi discípulo na França do Professor Jean Brunhes. Como um geógrafo experiente e de renome internacional, veio ao Brasil fundar o primeiro curso superior de Geografia na recém-criada Universidade de São Paulo no ano de 1934, e mantém vínculo dirto com o país, até 1939. No mesmo ano de chegada, criou em São Paulo, a Associação dos Geógrafos Brasileiros. No ano de 1935, Pierre Deffontaines vai para o Rio de Janeiro, como convidado, para fundar o segundo curso superior de geografia no país, na Universidade do Distrito Federal.

No Rio de Janeiro, teve uma profunda participação no movimento da Associação dos Geógrafos Brasileiros, para que se fundasse o Conselho Brasileiro de Geografia e posteriormente Conselho Nacional de Geografia junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 1937. A criação do Conselho Nacional de Geografia, vinculada ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, foi fundamental para se fazer a ligação entre a geografia brasileira com a União Geográfica Internacional (UGI). Pois, para a participação internacional da geografia brasileira através da (UGI), havia a exigência da existência no país, de um órgão público que utilizasse os trabalhos profissionais dos geógrafos.

O Professor Pierre Deffontaines permaneceu no Brasil até 1939, tornando-se um grande divulgador da ciência geográfica no país. Desenvolveu vários trabalhos, resultando em inúmeras publicações nas décadas de 30 e 40 a respeito da geografia brasileira. E serão, estas publicações de Deffontaines sobre o país, o material para as nossas análises e interpretações.

Em 1939, Deffontaines retorna à França como diretor do Instituto Francês e lá permaneceu até 1964. Entretanto, contribuiu com a formação de geógrafos do mundo inteiro, onde destacamos as ligações com os geógrafos canadenses de Quebec em 1948.

Entretanto, Barcelona foi a universidade onde Deffontaines manteve um maior contato fora da França. Trabalhou na Universidade de Barcelona do ano de 1967 a 1974, tendo grande participação na formação da geografia catalã.

O Professor Deffontaines, retornou à Paris em 1975 e faleceu em 25 de novembro de 1978.

O Momento Histórico da Vinda e Estadia do Professor Pierre Deffontaines no Brasil na Década de 30.

O período pós-Revolução de 1930 foi marcado por profundas transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil. Sob a égide do governo Getúlio Vargas que instaura posteriormente o “Estado Novo”, adotou novas diretrizes políticas de preconização ao nacionalismo econômico burguês. A nova visão política e as classes sociais urbanas impunham-se cada vez mais sobre as oligarquias rurais, dominantes até então, e o país passava a redefinir suas relações com o capitalismo mundial.

E sobre os anos pós-30, Ianni (1971, 13 e 14) coloca que:

“O que caracteriza os anos posteriores à Revolução de 30 é o fato de que ela cria condições para o desenvolvimento do Estado burguês, como um sistema que engloba instituições políticas e econômicas, bem como padrões e valores sociais e culturais de tipo propriamente burguês (...) Isto significa que o poder público passou a funcionar – mais adequadamente – segundo as exigências e as possibilidades estruturais estabelecidas pelo sistema capitalista vigente no Brasil; isto é pelo subsistema brasileiro do capitalismo”.

De acordo com Mota (1980), se a Revolução de 30 não foi suficientemente longe para romper com as formas de organização social, serviu para estabelecer um marco nas transformações das linhas de interpretação da realidade, com influências da intelectualidade que se firmou a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, de um lado, e com a fundação do Partido Comunista em 1928, de outro.

E sobre o assunto Mota (1980) demonstra:

“Assim como no plano da política, na seara da historiografia a novos estilos surgiram, contrapondo às explicações autorizadas de Varnhagem, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu e Oliveira Vianna. (...) A Historiografia da elite oligárquica, empenhada na valorização dos feitos dos heróis da raça branca, e representada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (fundado em 1938), vai ser constetada de maneira radical por um conjunto de autores que representarão os pontos de partida para o estabelecimento de novos parâmetros no conhecimentos do Brasil e de seu passado. Esse momento é marcado pelo surgimento das obras de Caio Prado Junior (1933), Gilberto Freyre (1933), Sérgio Buarque de Holanda (1936) e Roberto Simonsen (1937)”.

Para Mota (1980) a obra que define o início do “redescobrimento do Brasil” é a de Prado Junior, “Avaliação Política do Brasil” (1933), através de um método “relativamente novo”, o materialismo dialético, onde as classes sociais emergem pela primeira vez nos horizontes de explicação da realidade social brasileira –

enquanto categoria analítica. Por outro lado, a obra de Gilberto Freyre, “Casa Grande & Senzala” (1933), teve o peso de uma denúncia do atraso intelectual, teórico, metodológico que caracterizava os estudos sociais, históricos e geográficos no Brasil, e atingiu popularidade pelo estilo anticonvencional, pelas teses veiculadas sobre a democratização racial, pela abordagem inspirada na antropologia cultural norteamericana e pelo uso de fontes até então não consideradas.

A obra “Raízes do Brasil” (1936) de Sérgio Buarque de Holanda, de grande importância naquele momento histórico, mas de menor repercussão, mostrava a descrença no liberalismo tradicional e a busca de soluções novas, cuja inspiração teórica estava no culturalismo alemão, temperada pelos avanços da metodologia francesa no plano da História Social.

E sobre a questão, Mota (1980) diz:

“A crise da ordem oligárquica, com a Revolução de 1930, provocou a elaboração do conjunto de reflexões que atingiria seus pontos mais altos nas obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Novas formas de percepção e ajustamento à ordem vigente foram elaboradas e não será difícil encontrar o saudosismo-aristocrático perpassando as reflexões de ambos. Não parece o caso de Caio Prado Junior, que ultrapassou o momento. A conjuntura é o da descoberta das oligarquias, em sua vida social, política, psicológica, íntima. Por outro lado, com a visão culturalista a mestiçagem passa a ser valorizada numa erudita procura de convergência racial cordial”.

É nesse período, onde as novas interpretações culturalistas contrapunham-se à extrema mediocridade da Historiografia e da Geografia rançosa produzida nos Institutos Históricos e Geográficos e nas academias de província, é que chega ao Brasil o Professor Pierre Deffontaines para colaborar no cenário científico nacional, acompanhando o movimento da ideologia da cultura brasileira e introduzindo novas concepções na interpretação e na redescoberta do país.

O Discurso de Deffontaines e as Relações com o Momento Histórico Brasileiro.

As contribuições de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda de influência do culturalismo americano e alemão, junta-se com as concepções do culturalismo francês de Deffontaines e incorporaram o método positivista-funcionalista.

Deffontaines como um ideólogo da geografia culturalista francesa, estava próximo de Freyre e Holanda, através do pensamento liberal político e do método positivista funcionalista.

O Professor Pierre Deffontaines mostra no seu discurso, uma postura liberal política, através da fraternidade e solidariedade entre os povos e raças, envolvendo toda uma perspectiva culturalista, através da noção dos gêneros de vida.

Através das palavras abaixo, Deffontaines (1943, 14) reflete o seu pensamento liberal de fraternidade universal.

“Assim a geografia ensina, de certa forma, uma moral. (...) ensina, além disso, uma moral de responsabilidade. Cada geração inscreveu sobre a Terra a sua obra geográfica, obra de organização, obra de progresso. O homem é, de certo modo, responsável pela Terra, êle não deve degradá-la. Cada um de nós trabalha para que esta Terra seja menos áspera, mais humana. Assim é, indiscutivelmente, uma moral de fraternidade o que ensina a geografia humana, aí está tôda a sua grandeza”.

E Deffontaines (1943, 17) continua dizendo:

“Ensina-se, talvez com demasiado exclusivismo, as lutas que os homens travaram uns contra os outros, lutas fratricidas cheias de egoísmo e de ambição. A mais bela história é a do longo combate em que a caravana humana se empenha contra o meio físico, cada geração trazendo o seu auxílio, combate cheio de fraternidade.

Essa visão romântica e idealista do liberalismo político, colocou-se contra as lutas entre as raças, povos e classes sociais. A doutrina liberal política dos funcionalistas-culturalistas, adotou a teoria do consenso, que contrapõe-se à teoria do conflito do liberalismo econômico competitivo dos darwinistas sociais, como também à teoria do conflito das teses marxistas das contradições e das lutas de classes.

E Deffontaines (1947, 146) diz:

“Em determinadas paisagens, o Brasil parece um velho país com antigas cidades quase mortas como Ouro Preto, mas em outras, apresenta-se como uma sessão surpreendentemente jovem dêsse Nôvo Mundo: ser a um tempo o mais novo e o mais velho país da América, tal é um dos paradoxos que apresenta o Brasil quando se observam os seus personagens típicos. A uma vida de tradição, bebida nas civilizações latinas, associa-se sem dificuldade um americanismo pujante e as formas de vida, alhures opostas. Coexistem ai em perfeita harmonia, contribuindo para fazer do país uma preciosa reserva de latinidade”.

Em seu discurso liberal político, o autor vai mostrar que a unidade é constituída na diversidade, onde apesar das diferenças, todos os diferentes segmentos devem constituir uma unidade orgânica e social. Esse enfoque é considerado como um paradigma fundamental do liberalismo político. O liberalismo político apóia-se no modelo orgânica. Com o liberalismo político, tornou-se possível os ideais da democracia burguesa. Os ideais da democracia burguesa e do liberalismo político inspiraram o positivismo nas primeiras décadas do século XIX, através da nova ordem orgânica-social e sistêmica organicista. No pensamento liberal-político e positivista, as idéias políticas e os interesses das classes sociais podem ser os

mais diferenciados sem contudo alterar o sistema, que se encontra regido por uma Constituição burguesa.

E Deffontaines (1946,78) continua:

“Por fim, Geografia Política que leva à federação das regiões em Estados, solidamente unidos por suas diferenças, pis a unidade provém da diversidade que da uniformidade”.

A visão liberal política de Deffontaines, levou-o através dos princípios da fraternidade e solidariedade entre os povos, grupos étnicos e classes sociais, a adotar a mesma perspectiva de Gilberto Freyre, quanto à ideologia da democracia racial no Brasil.

Quando Deffontaines publicou na França em 1938 “Os Indivíduos-Tipos do Brasil” e transcrito pelo Boletim Geográfico em 1947, retratou a concepção da democratização das raças e mostrou através dos diferentes gêneros de vida, o fazendeiro, o caboclo, o caiçara, os operários, o jornaleiro, o mascate e outros. O discurso estabelecido, foi o de que todos os vários gêneros de vida existentes no país, como os diferentes grupos étnicos, contribuíram positivamente para a constituição e a construção da nação brasileira.

E sobre o assunto Deffontaines (1947, 146) coloca que:

“Singular associação de tipos que constituem esta população brasileira em que os mais primitivos confirmam com os mais evoluídos onde se descobre o mais moderno pioneiro ao lado do proprietário quase senhorial (...). Ser a um tempo o mais novo e o mais velho país da América, tal é um dos paradoxos que apresenta o Brasil quando se observam os seus personagens típicos. A uma vida de tradição bebida nas civilizações latinas, associa-se sem dificuldade um americanismo pujante e as formas de vida, alhures opostas, coexistem aí em perfeita harmonia, contribuindo para fazer do país uma preciosa reserva de latinidade”.

Por outro lado, a visão de democracia social é sentida no texto abaixo, quando o autor nos mostra que o jornaleiro que mora nos morros carioca é uma figura tão popular e importante como fazendeiro que reside nos palacetes da cidade do Rio de Janeiro; e por outro lado, os favelados desfrutam da melhor vista da baía de Guanabara. E Deffontaines (1947, 146) diz:

“Os operários formam uma espécie de nova e jovem aristocracia em meiro à população das cidades. Abaixo deles se agita uma multidão de indivíduos menos aquinhoados, mais ou menos mestiçados de negro com indígena, espécie de caboclo das cidades e vive de inumráveis misteres parsitas: engraxates, carregadores, vendedor de bilhete de loteria, jornaleiro... Não mendigam, pois a medicância é rara no Brasil, embora seu sistema de vida prime em não se dar muito trabalho. Andam descalços e andrajosos. Moram em casebres construídos por suas próprias mãos dos materiais mais heterogêneos e instalam-se por direito

de ocupação nos terrenos sem dono. No Rio ocupam o alto dos morros graníticos que potilham a cidade e que lhes permitem gozar as mais belas paisagens da admirável baida. Em Vitória fixaram-se na orla da floresta que cerca a cidade. Vivem quase de nada, banana, arroz, mandioca. Exibem pela cidade afora uma jovial e fácil ociosidade: a rua deve-lhe algazarra esfuziante e vivida. Não constituem uma escória desprezada, pois a vida brasileira não sublinha distâncias sociais. Ao contrário disto, as atenua e o jornaleiro é um senhor, não menos do que o fazendeiro que reside nos luxuosos palacetes da Guanabara, no Rio ou na Avenida Angélica em São Paulo”.

Deffontaines quando publica na Fraça em 1936 “A População Branca no Brasil” e posteriormente transcrito pelo Boletim Geográfico em 1945, faz críticas ao processo de formação nacional, do tratamento do branco em relação às diferentes culturas indígenas. E Deffontaines (1945, 1069) descreve:

“Havia uma civilização índia ou mesmo várias, mas estas eram quase desprovidas de produçã trocável. Elas se compunham de diversos gêneros de vida, quase unicamente de simples coleta (...) o gênero de vida indígena era sem proveito para os brancos. O país só poderia criar valor se se criasse um novo regime de exploração (...). O único valor que os brancos puderam tirar dos índios foi o próprio valor de homem, como mão-de-obra; mas mesmo esta se revelou muito má. Não se obteve um rendimento de trabalho útil destas populações unicamente habituadas à coleta. As razzias de tribos índias e sua instalação em zonas agrícolas ou mineiras provocaram as hecatombes que se conhecem; a mudança de gênero de vida não se pôde operar e os índios responderam por uma grave de morte. A própria instalação da população branca ficou comprometida pelo desaparecimento das raças locais”.

Por outro lado, quando o autor fala do Brasil como a maior população branca dos trópicos, mostra que ocorreu a miscegenação com os negros, devido os brancos serem maioria e não correrem riscos de serem absorvidos pela população de cor. E sobre o assunto Deffontaines (1945, 1070) coloca:

“No Brasil, êles se mesclaram, sem dificuldades às populações de escravos negros ou de índios, mas aqui o receio de uma absorção progressiva pelas populações de côr era muito menor para se temer do que nos países do Oceano Índico. A desproporção do número entre brancos e homens de côr, era infinitamente menor; (...)”.

Deffontaines, como reprodutor das concepções culturalistas, via na miscigenação e na democracia racial um bem para o país, apesar de deixar implícito os valores do branqueamento da população brasileira.

Entretanto, a questão central da sua visão de mundo e do culturalismo francês na geografia, estava em torno da noção de gêneros de vida. E sobre o assunto Deffontaines (1943, 16) aponta que:

“A terceira grande divisão da geografia humana compreende o estudo dos gêneros de vida. Em tôdas as regiões em que se espalharam, os homens levam vidas muito diferentes. Estas diferem sobretudo pelo seu regime de trabalho. A principal diferenciação entre os homens reside na sua organização do trabalho. (...) As pespresas ao trabalho; a falta de trabalho e as crises castigam-nas e destróem-nas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de gênero de vida que foi desenvolvido pelos culturalistas se antepunha à teoria do conflito entre raça e meio defendida pelos darwinistas sociais. Os culturalistas para trabalharem com o conceito de gênero de vida se basearam nas sociedades simples, de organização tribal, desprovidas de classes sociais, como os esquimós e os indígenas da América, África e Oceania. As teses culturalistas procuraram através da análise dos diferentes gêneros de vida das organizações tribais, demonstrar que as diferentes culturas eram productos da harmonia entre aqueles povos e a natureza e não o resultado do conflito entre raça e meio conforme atestavam os darwinistas sociais.

Entretanto, quando o conceito de gênero de vida que foi desenvolvido para estudar sociedades simples e de organizações tribais, teve que ser aplicado em sociedades mais sofisticadas e estratificadas, onde emergiam as classes sociais com suas contradições e conflitos, os geógrafos funcionalistas-culturalistas passaram a utilizar como recurso de investigação os “tipos humanos” caracterizados pela função social e espacial que exerciam na sociedade a ser investigada.

Assim, cada tipo humano caracterizado pela função social e espacial que exercia naquela sociedade, possuía o seu próprio gênero de vida. É dentro desse enfoque, que segundo Deffontaines, os operários urbanos, os fazendeiros de café, os subempregados, os comerciantes, os mascates do Brasil rural, os caboclos e os caiçaras dos anos 30, possuíam os seus próprios gêneros de vida.

Como os funcionalistas-culturalistas a exemplo de Deffontaines eram liberais políticos e portanto adotavam a teoria do equilíbrio, do consenso, procuravam mostrar uma realidade que escondia os reais conflitos de interesses entre as classes sociais no Brasil dos anos 30. Pois, através do estudo dos diferentes gêneros de vida, procurava-se buscar uma proximidade e uma harmonia entre os diferentes tipos humanos classificados na sociedade, mostrando que apesar de existir distâncias sociais, gozavam do mesmo status e prestígio popular.

Neste contexto, as concepções funcionalistas-culturalistas de Deffontaines, alicerçadas nos diferentes tipos de gêneros de vida existentes na sociedade brasileira da década de 30, procuravam mostrar uma realidade sócio-espacial harmônica e funcional, onde se consumava uma autêntica democracia social e racial.

Com esas considerações, as classes sociais com seus conflitos e contradições foram escondidas, pois, contrariavam a índole pacífica, ordeira, fraterna e solidária do caráter nacional brasileiro, que as elites nos anos 30 alicerçadas nas teses culturalistas, difundiram à nação brasileira, através dos cientistas “neutros” e dos professores “neutros” de geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Deffontaines, Pierre – O que é Geografia Humana. Boletim Geográfico. 6(3): 14-17, 1943.
- Deffontaines, Pierre – A População Branca no Brasil. Boletim Geográfico. 32(11): 1069-1071, 1945.
- Deffontaines, Pierre – Dez anos de Trabalho Geográfico. Revista Brasileira de Geografia, 10: 77-78, 1946.
- Deffontaines, Pierre – Os Indivíduos – Tipos e Aspectos do Brasil. Boletim Geográfico. 3(50): 140-147, 1947.
- Goldman, Lucien – Dialética e Cultura, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.
- Goldman, Lucien – Sociologia do Romance, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.
- Ianni, Octávio – Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970), Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1971.
- Revista de Geografia, Departamento de Geografia da Universidade de Barcelona, Espanha, Volume XIV, n°s 1 e 2.
- Mota, Carlos Guilherme – Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974), Editora Ática, São Paulo, 1985